

GULLAR, FERREIRA. *RELÂMPAGOS*. SÃO PAULO: COSAC & NAIFY, 2003.

Marco Aurélio Bissoli
Escritor e ensaísta
Lavras, Minas Gerais

As artes visuais passam por momento de grandes transformações conceituais e estéticas no mundo todo. Resultando também numa infinidade de visões por parte da crítica especializada, visões essas que muitas vezes inferem um olhar único, preciso, sob o multivariado cenário em que as mesmas se constroem. Outras vezes esses olhares se perdem sem conseguir conter a vasta produção contemporânea. Mas basta irmos até alguma exposição em São Paulo ou qualquer outra metrópole, para perceber que as artes plásticas atravessam uma crise gerada muitas vezes por uma espécie de ressaca ideológica, produzida pelo fim das vanguardas artísticas do século XX, que de um modo ou de outro, queimaram etapas e que ainda sim são muitas vezes reassumidas e relidas por muitos artistas atuais.

A dita pós-modernidade instituída e talvez nem começada (eu mesmo acredito que a mesma nunca existiu), parece ser a ordem do dia nas bocas dos iniciados e principalmente em quase todos os lugares em que a Industrial Cultural assume o seu discurso como verdade única. Parece que a nossa modernidade foi deveras esquecida de alguma forma nos escaninhos das teorias das universidades, nos segundos cadernos culturais e nos discursos dos ditos excêntricos e messiânicos autores que pululam aqui e ali na geléia geral mediana de nossos dias.

Um dos personagens de nossa poesia contemporânea, de lutas corporais diversas, políticas, poéticas e críticas, o poeta Ferreira Gullar, tem sido também um instigante crítico das artes visuais, com conhecimento de causa, apuro teórico e sensibilidade criativa. Ferreira Gullar, o militante, o teórico, o crítico, o tradutor, o dramaturgo e o ensaísta, pode ser considerado um dos mais importantes intelectuais do país. Sua contribuição em diversos campos da cultura brasileira faz dele um misto de criador e contestador, desalmado guerrilheiro das coisas essenciais e inúteis, aquele que se embrenha no fulcro dos dias sob a lama e o sol brasileiro, almejando sempre a maravilha do refletir e o desconhecer.

Gullar é o poeta da materialidade, do verso feito a partir das vísceras, dos restos e do corpo em estado bruto, pulsando sob a pele do mundo. O autor de *Poema sujo, A luta corporal, Cultura posta em questão, Vanguarda e subdesenvolvimento* entre outros, nos brindou há dois anos com *Relâmpagos*, um de seus recentes livros, no qual coloca toda sua argúcia para refletir sobre as artes visuais. A edição é belíssima e contempla um apurado trabalho gráfico e visual (capa, paginação, costura etc.). Conferindo ao livro uma dimensão de objeto não só de conhecimento, mas também como algo estético, tátil, transformando-se numa espécie de porosidade emanada para e com os cinco sentidos humanos.

Seu livro perpassa, de maneira não linear, algumas das principais obras pictóricas e esculturais, a partir do século XIV até o século XX. Nele é possível encontramos Michelangelo, Chagall, Brancusi, Klee, até artistas brasileiros recentes como Iberê Camargo, Arcângelo Ianelli, Arthur Bispo do Rosário etc. O livro, em linhas gerais, apresenta as ilustrações contendo as obras dos artistas, e logo em seguida a cada uma delas, o comentário conciso e cortante de Gullar. Os textos do poeta maranhense anseiam por desnudar as formas, as cores, o peso, o espaço e o tempo onde cada obra de arte se dá dentro da sua faina interior. Impossível, por exemplo, não nos maravilharmos diante da obra de um Amedeo Modigliani e sua eroticidade, suas texturas, suas mulheres de dimensões únicas carregadas de humanidade ou então a engenharia radical baseada na forma que a obra do mineiro Almicar de Castro estabelece a cada novo olhar.

O título “Relâmpagos” para o volume veio mesmo a calhar, pois se trata muitas vezes de uma visão epifânica e direta do olhar do poeta sob determinada obra. São pequenos clarões, luminescências, trovoadas, infinitas fagulhas de um intenso desejo de descobrir de novo o objeto visto. Redescobri-lo à luz da serenidade crítica.

Por meio dos arcabouços das suas reflexões, Gullar faz desmembrar o corpus-visual, o objeto em si, a tela, a escultura, devolvendo aos olhos e a consciência do leitor uma alegria, uma espécie de iluminação interior diante da obra. Mas nada nos textos lembra argumentações frias, calcadas simplesmente em teorias, datas, conceitos e afins. Os textos de Gullar, ao contrário, partem de uma visão muito pessoal, baseada antes de tudo no olhar do poeta, que, com seu caleidoscópio interior, refaz o itinerário que as obras deixam em

seu caminho, sem perder o fio da meada, mesmo que sejam fios labirínticos, aracnídeos, para não dizer fios de Ariadne, presenteados ao jovem Teseu, muito embora Gullar não tenha a intenção, em suas críticas, de ser salvo das garras de Minotauro algum. Pelo contrário, mergulha nas teias das telas refletidas, refletindo-se a si mesmo, sua assinatura poética.

Para Gullar, interessa “falar da obra enquanto materialidade significativa; experiência sensual e afetiva” (p.11). O autor se coloca frente ao fenômeno (a obra), com a certeza de olhá-la sempre como se fosse pela primeira vez. Tudo no livro é uma experiência de “ver o visto” levada ao limite pelo autor. Para Gullar, nosso contato de estranhamento ou de gozo, nosso delírio diante da pintura ou da escultura, encontra-se na obra em si, na espessura vivificada e por que não redentora, que o olhar produz a cada gesto, sob e sobre a imagem do artista. O autor parece ter herdado aquilo que muitos poetas trazem em si: não uma teoria, mas uma prática da visão.

A certa altura, analisando o célebre quadro do espanhol Goya, “As meninas” (1660), o autor escreve: “Assim, o quadro contém o que se vê e o que não se vê, num jogo de espelhos e de espaços e tempos. É o quadro dentro do quadro, imagens de imagens. Realidade e ilusão que se confundem. Miragens, pinturas (...)” (p.31) ou ainda sobre a pintura geométrica do pintor paulistano Ianelli: “Pintar para Arcângelo Ianelli agora é/ suscitar o surgimento da cor” (p.138). Seria bom ressaltar que os textos, ora em forma de prosa, ora em versos, propõem uma dualidade que não se separa em nenhum instante, a fim de alcançar os mesmos objetivos, quais sejam: (re) descobrir a Arte. Por isso os textos são muitas vezes uma celebração de linguagens múltiplas, unas e liquêfeitas no caldeirão da *mater* primogênita: a palavra. Dela brota uma torrencial descoberta advinda da reflexão precisa e o olhar apaixonado diante a “coisa”.

Por tudo isso o novo livro de Gullar vem resgatar o presente e o passado. Seu trabalho faz emergir um diálogo com o hoje e o ontem. Mantendo um firme e constante diálogo com a tradição e a modernidade, o poeta mais uma vez surpreende, restabelecendo a sua sina de difusor e receptor das vozes do mundo. Afinal de contas, o poeta é a antena da raça.